

# A Mentira que os Casais Vivem: explorando o filme *A mentira*. Terapia de casais e as barganhas interiores perniciosas que vinculam e aprisionam

Artigo

**Robert Waska**

Psicoterapeuta Licenciado. Terapeuta de Família e de Casais. PhD Membro do San Francisco Center for Psychoanalysis.

**Resumo:** O filme *A Mentira* (The Lie) é analisado a partir da perspectiva psicanalítica para a compreensão das mentiras inconscientes que podem tornar-se o elo destrutivo ou a desvinculação entre casais. Utilizando conceitos da abordagem kleiniana, o autor discute o embate psicológico de cada personagem e a maneira como a verdade da diferença, conflito e decepção acabou alimentando um entranhamento mútuo de mentiras que os protegiam, mas os mutilavam e os mantinham solitários, vazios e distantes. Apenas quando o peso de seu sentimento interno de fracasso foi exposto, eles conseguiram encontrar força uns nos outros para sentirem-se completos e lutarem pela mudança e pela escolha. Ademais, relatos de terapias de casais são usados para ilustrar o desdobramento desses problemas na prática clínica.

**Palavras-chave:** Identificação projetiva. Mentira. Terapia de casais. Verdade.

O filme *A mentira* (The lie, 2011) é dirigido por Joshua Leonard e dá ênfase às personagens Lonnie, Clover, sua filha ainda bebê e seu amigo Tank. Uma sinopse do filme foi publicada por Jeannette Catsoulis no New York Times: *a mentira* questiona se é possível reescrever vidas e refazer escolhas. Muito desse questionamento vem de Lonnie (Joshua Leonard, também diretor), um homem de vinte e poucos anos, deprimido, cujos sonhos juvenis de uma carreira musical e de um estilo de vida *natureba* perderam-se diante das necessidades de um novo filho e de sua esposa, Clover (Jess Weixler), estudante de Direito. Quando Clover recebe a proposta de emprego em uma companhia farmacêutica – o tipo de empresa que ambos costumavam menosprezar – Lonnie não consegue aturar mais um dia de trabalho sem perspectivas como editor. Uma receita de maconha medicinal e

um dia de folga talvez ajudem, contanto que o chefe irritadiço de Lonnie aceite sua mentirinha ingênua.

Baseado em um curta-metragem de 2008, de T. Coraghessan Boyle (originalmente publicado em *The New Yorker*), *A mentira* desenrola-se com uma sinceridade tranquila, em que cada diálogo comedido faz eco à percepção tácita da dor da concessão. A medida que a mentira de Lonnie assume vida própria, a fotografia de Benjamin Kasulke concentra-se em rostos que se esforçam para adaptar-se a uma vida adulta indesejada, contrastando a infelicidade do casal com a liberdade plácida de seu amigo de longa data, Tank (Mark Webber), cujo trailer a beiramar e a linha de cosméticos vegetarianos simbolizam a arte de não se vender.

Com atuações memoráveis e emoções retumbantes – na melhor cena do filme, o rosto de Clover silenciosamente manifesta a percepção reveladora de que a nova canção horrorosa de Lonnie trata-se, na verdade, de uma confissão terrível –, *A Mentira* tem relação com o ajuste do autorretrato, a fim de acomodar realidades em transformação, e com o entendimento de que, às vezes, uma mentira é, na verdade, um grito de socorro inconsciente.

De uma perspectiva psicanalítica, entendemos que as mentiras que as pessoas contam a si mesmas e aos outros são relações inconscientes conciliadas entre as versões unidimensionais do eu e do outro. Tais barganhas interiores (WASKA, 2006), sacrifícios do eu ou as manipulações dos outros, são consideradas necessárias a fim de evitar as ansiedades esquizo-paranóides (KLEIN, 1946) ou depressivas (KLEIN, 1935, 1940). São lutas inconscientes entre visões arcaicas do eu e do outro em diversas formas de conflito, apego ou perda, em que as ansiedades persecutórias ou depressivas tornam-se insuportáveis. No modo de defesa, estes estados psíquicos primitivos são estruturados através de identificações maciças que se expressam através de um relacionamento patológico (WASKA, 2004, 2005).

*A mentira* é uma história sobre um casal, mas também sobre dois indivíduos que estimulam ou evitam essa união. O enredo fornece vários elementos complexos, observados na clínica psicanalítica durante a terapia de casais. Geralmente, se temos a oportunidade de atender um casal durante um período significativo de tempo e podemos estabelecer um grau consistente de contato analítico (WASKA, 2007), conseguimos entender as camadas complexas de suas lutas psíquicas individuais e mútuas. Tentamos transmitir isso com nossas interpretações (WASKA 2010a, 2011a). Cada um dos cônjuges geralmente tem uma organização patológica (ROSENFELD, 1987) ou refúgio psíquico (STEINER, 1990, 1993) que é mantida e fortalecida por padrões destrutivos da identificação projetiva. Esse é o ambiente psicológico no qual as mentiras surgem e proliferam-se.

Como defesa, numa concessão e uma barganha interior contra os conflitos de natureza paranoide ou depressiva, cada cônjuge opera de acordo com os parâmetros de uma mentira específica que conta para si. Assim os cônjuges sentem-se forçados a contar a mentira aos seus parceiros. Essa convicção psíquica, raramente questionada, é repentinamente posta em xeque pelo analista durante a investigação analítica. E torna-se uma ameaça aos estados familiares do equilíbrio psíquico mútuo do casal (SPILLIUS, 1989), portanto, geralmente, apresenta resistência.

Não é raro dois indivíduos *encontrarem-se* e compatibilizarem sua visão psicológica peculiar do mundo. Eles encontram alguém que parece acreditar em sua mentira ou que está aprisionado pela mesma mentira. Na verdade, esse ciclo projetivo geralmente é destrutivo e defensivo, ao mesmo tempo, nas relações entre casais (WASKA, 2013a, 2013b). Ambas as partes estão interessadas em evitar certas verdades próprias, certas verdades dolorosas sobre seu relacionamento. Portanto, elas mantêm inconscientemente as mentiras que as unem e, ao mesmo tempo, as separam.

No filme, tanto Lonnie como Clover costumavam ter uma vida que consideravam despreocupada e ideal, em que se sentiam em sintonia um com o outro. Agora, eles acabaram adotando um modo de vida que os afasta e os aliena de si mesmos. Seu amigo em comum, Tank, ainda mantém-se fiel ao seu chamado interior, correndo atrás daquilo que o torna genuíno e completo. Eles o respeitam, mas não conseguem ficar perto dele como antes. Eles teriam que enfrentar sua própria desonestidade se quisessem ter uma relação mais honesta com ele. No filme, Tank aparentemente representa o perdido, o projetado e o renegado, mas está ancorado em aspectos deles próprios que costumavam incorporar e respeitar. As mentiras interiores que vieram a adotar como indivíduos e as barganhas interiores que eles justificam e defendem como casal dizem respeito à realização de certas expectativas que possuem de si mesmos e de seu lugar na vida, uma combinação sufocante de projeções mútuas.

Clover costumava trabalhar para uma clínica de assistência jurídica, mas achava que não sabia o bastante para fazer alguma diferença e ajudar os outros. Agora está pronta para tornar-se uma advogada e recebeu uma proposta de uma grande firma. Ela mantém isso em segredo por vergonha, culpa e conflito. Porém, para justificar suas ações, diz a Lonnie que é bom para a família, já que eles terão planos de saúde e de aposentadoria. Tank está inconformado por ela ter se *vendido*, talvez a projeção da dúvida de Clover e de sua decepção consigo mesma. Lonnie está chateado por ela não o ter incluído na decisão, um resultado de como a mentira exclui os outros. Uma, ou ambas as partes, está geralmente fazendo concessões, mentindo e negociando com seu próprio superego e elenco



de objetos interiores. Esse nó psíquico e o efeito afetivo fazem com que seja muito difícil para eles compartilharem isso com seu parceiro.

## Identificação projetiva e mau relacionamento entre casais

As dinâmicas da identificação projetiva baseiam-se em fantasias inconscientes arcaicas e em estados conflitantes de amor, ódio e conhecimento. Desejo infantil, medo, agressão e curiosidade distorcem-se e intensificam-se com a complexidade da realidade interna e externa, entremeada através de ciclos de projeção e de introjeção (FELDMAN, 2009; SPILLIUS, 1992; WASKA, 2010b, 2010c, 2010d). As influências do superego podem perverter ou dominar a paisagem interior. Na vida adulta, as dinâmicas patológicas da identificação projetiva influenciam a escolha do parceiro e impactam sobre os padrões em curso em um relacionamento. Durante o tratamento psicanalítico, deparamo-nos com convicções inconscientes profundas e expectativas do eu e do outro. As exigências com o eu e o objeto são ativadas e realizadas (SANDLERS, 1976) em relacionamentos íntimos. O que vemos protagonizado ao nível interpessoal, como resultado dessas dinâmicas inconscientes de identificação projetiva, são contra-argumentos e reações a expectativas percebidas no relacionamento. Mentiras defensivas, barganhas e concessões patológicas surgem para que se possa lidar com a ansiedade, a culpa ou a perseguição em tais estados psicológicos.

Então, gradualmente desvendamos tais atitudes mentais como “*Sinto que ele/ela nunca quer me dar o que eu preciso*”, mesclado com a atitude mental da outra parte de “*Nunca ganho reconhecimento pelo que dou a ela/ele*”. Ou ainda: “*Quero ser notado e amado, mas tenho medo de tomar a iniciativa, então quero que ela/ele o faça primeiro e fico zangado se ela/ele não o faz*”, misturado com “*Sou eu quem sempre toma a iniciativa e cuida dos outros sempre que necessitam de algo. Mas estou triste e zangado porque nunca sou eu quem é cuidado. E não quero ter que perguntar. Depois de todos os meus esforços, porque tenho que implorar por um pouco mais de atenção?*” Ou então: “*Não gosto de como ele/ela está me tratando, mas tenho medo de ser punido se disser alguma coisa e, além do mais, talvez eu não esteja sendo o suficiente para ele/ela e mereço o que está acontecendo*” mesclado com “*por que ele/ela é um capacho. Por que ele/ela nunca compartilha nada comigo, fazendo com que eu tenha que tomar todas as decisões e ficar na liderança? Estou cansado disso e quero que ele/ela assuma as rédeas às vezes*”.

Estes diálogos de representação interior são protagonizados na transferência entre casais bem como entre casais e o analista. No filme, começamos a entender tais demandas interiores e gritos de desespero de Lonnie. Ele ainda quer ser um músico maconheiro que encontra a felicidade em uma vida livre, assim como Tank parece ter no momento. Porém, diferentemente de Tank, que diz em uma certa

ocasião, “Tomei uma decisão consciente de viver a vida que eu quero e na qual acredito”, Lonnie está vivendo uma mentira. Ele nunca foi realmente um músico, apenas alguém que se aventurou ligeiramente na arte juntamente com Tank. Agora ele percebe que deixou este seu lado às traças e tenta retomá-lo com Tank. Sua canção, intitulada *Triturador de alma* (Soul crusher), mostra-nos o que ele sente a respeito da vida e do custo de estar vivendo uma mentira. Portanto, até agora no filme somos expostos a vários exemplos desse emaranhado interior de mentiras e de barganhas entre Lonnie e Clover. Mas, mais concretamente, o título do filme advém do momento em que Lonnie está tão deprimido com esses problemas que acaba dizendo ao seu chefe que não irá trabalhar. Quando pressionado para ir de qualquer jeito, Lonnie diz ao seu chefe zangado que não pode porque sua filha morreu.

Acho que isso simboliza dois aspectos. Seu chefe é um homem muito abusivo que sempre grita com Lonnie. Além disso, o trabalho de Lonnie é uma labuta maçante de edição de vídeos de ketchup (talvez o sangramento de sua energia psíquica?). Ao escolher trabalhar com este chefe, acho que o Lonnie associou-se a uma projeção externa, a um espelho de seu superego cruel. Ele está cheio de si mesmo, sempre criticando suas conquistas e nunca permitindo-se nenhuma chance ao que buscar. Ele nunca demonstrou motivação ou auto orientação, apenas chateado por não estar vivendo para a Clover e sua família como ele acha que deveria. Lonnie é próximo de sua filha, mas incapaz de realmente sentir ou canalizar seu amor a este bebê até romper o laço com seu chefe zangado ao afirmar que sua filha morreu. Somente enfrentando o objeto crítico ele poderá finalmente começar a amar a si próprio e à sua filha de forma completa e significativa. O eu da concessão deve morrer para que o verdadeiro eu viva. No entanto, isso significa manifestar pesar pelos laços familiares e pelas ilusões inconscientes do sentimento de controle e da capacidade de sempre atender às exigências do seu público interior. Ele precisa arriscar abandonar o objeto danoso e encarar as consequências psíquicas.

Portanto, o título do filme é sobre quando Lonnie mente para seu chefe e sobre o efeito externo desta mentira. Porém, como clínicos psicanalíticos, questionamos acerca da luta interior que leva Lonnie a esse lugar em sua vida. Aos nossos pacientes, oferecemos um trabalho de frente para trás, partindo da visão externa de seus problemas ou aquela mais embasada na realidade até a parte mais interior e ilógica do inconsciente (WASKA, 2011b, 2012). Assim, perguntamo-nos por que Lonnie teria aceito um trabalho tão chato e maçante e por que toleraria um chefe tão abusivo? E por que não se confia com a Clover, trabalhando junto com ela para achar opções e fazer mudanças em prol de algo mais gratificante. Por que ele simplesmente não se comunicou com ela, compartilhando seus medos e desejos?

Estes são problemas aparentemente de bom senso com soluções também aparentemente simples. Entretanto, os estados de conflito inconsciente objeto-relacionais em que os pacientes se encontram eliminam as escolhas e opções, bem como o livre pensamento ou a liberdade de sentimento. O paciente sente-se forçado a manter as mentiras que criou por culpa, medo ou sentimento justificado de lealdade ao superego. Então, no decorrer do filme, conseguimos entender como Lonnie sente-se obrigado a sacrificar seu verdadeiro eu para ser o sustento de sua família. Ele está aprisionado por sua visão distorcida de superego, de um marido e pai trabalhador. Para atingir o objetivo impossível, ele decidiu que a barganha ou a mentira precisa incluir sofrimento. Portanto, ele tolera um emprego chato e um chefe abusivo. Lonnie sente-se ansioso e envergonhado para admitir que não quer esse tipo de vida, preocupando-se com o fato de que, se assim o fizer, ele será um fracasso e um marido e pai ofensivo ou negligente. Então, ele precisa mentir e manter escondidos seus sentimentos verdadeiros de si mesmo, da Clover e do Tank. Esta é a essência de seu estado psíquico destrutivo, que ele se esforça para manter e com o qual Clover inconscientemente é conivente.

Essa dinâmica vale para a Clover também. Ela chegou a acreditar na sua própria mentira sobre a necessidade de tornar-se uma advogada empresarial, aceitando o emprego para o bem de sua família. Portanto, tanto ela como Lonnie adotaram essa visão masoquista de si mesmos no mundo, sendo incapazes de enxergar a verdade sobre seu descontentamento. Clover esforça-se bastante para não enxergar seu próprio conflito e infelicidade ao ponto de não ver e não querer ver também a infelicidade de Lonnie. Para perceber o quanto ele é infeliz, ela teria que olhar para sua própria dor e ansiedade. Todavia, quando Lonnie e Clover vão acampar uma noite, eles se encontram novamente, conseguindo superar as mentiras. Lembram da verdade sobre seu amor, do compromisso com eles mesmos, e percebem o que estavam perdendo.

Quando a Clover descobre a mentira de Lonnie, e eles brigam por causa disso, algo dramático acontece, uma descoberta de honestidade mútua. Em vez de culparem um ao outro de uma maneira que protege e reforça sua mentira conjunta de identificação projetiva, deixam de mentir um para o outro, são honestos consigo mesmos e admitem o que acham um para o outro. Acontece que ambos estão sofrendo de forma semelhante. Essa revelação os aproxima.

Perdoando um ao outro, eles se sentem reconectados e com base para criar algo melhor em seu relacionamento bem como em suas vidas individuais. É isso que esperamos na terapia de casais. No filme, a nova verdade os ajuda a decidir a mudar e a iniciar uma nova vida. Na terapia de casais, raramente existe uma solução, mudança ou descoberta imediata. Geralmente, há uma série de peque-

nos momentos de avanço que se combinam a fim de produzir uma mudança gradual e um equilíbrio psíquico novo e mais saudável. É preciso passar por um período de luto ou de perda, uma luta com os novos aspectos da mudança e da diferença e o encaramento do futuro desconhecido com suas ansiedades (STEINER, 1996, 2011; WASKA, 2002).

Embora o filme basicamente condense todos estes elementos no rápido final feliz, ainda nos comovemos com o fato de que a mudança é possível e que dois indivíduos podem admitir para si mesmos as mentiras em que vivem. Vemos como eles construíram um relacionamento sobre as barganhas emocionais e concessões, mas como agora conseguem admitir, encarar e desvencilhar-se disso, trabalhando juntos para encontrar uma nova verdade para eles mesmos. Isso é resumido quando Clover diz a Lonnie, “Você é um bom pai! Você é mesmo um bom pai!” Ela o ajuda a ver a bondade e a realidade de quem ele é por detrás das histórias em que ele havia se perdido. Ao fazer isso, ela se permitiu começar a ver quem ela era e em que ela é boa. Juntos, com sua filha, eles conseguiram encontrar-se de novo e partilhar seus eus verdadeiros um com o outro.

## Estudo de caso

Helen e Mark fazem terapia de casais comigo há seis meses. Fizemos um progresso significativo nesse período, mas ainda há muitas formas pelas quais eles defendem veementemente as barganhas inconscientes que fizeram um com o outro e com seus objetos interiores. Existem certas mentiras que eles tendem a manter inconscientemente, vivendo-as no casamento. Quando chegaram até mim, Mark estava infeliz porque Helen não queria uma *intimidade espontânea*. Ele percebia que ela nunca dava muita atenção a ele, era ríspida e séria demais. Helen disse que estava cansada do fato de Mark sempre querer se divertir e deixar todo o trabalho para ela, sem nunca pensar nas necessidades da família, esperando que ela, repentinamente, fosse sexy após um dia longo e difícil. Helen frequentemente o considerava irresponsável com o dinheiro, querendo gastá-lo com seus *brinquedinhos* e não pensando no futuro da família. Ao mesmo tempo, Mark achava Helen muito conservadora com o dinheiro e muito crítica, vendo-o injustamente como um *gastador sem limites*. Com o tempo, percebi que minha contratransferência era um guia útil (WASKA, 2007). Em meu pensamento, inicialmente concordava com Mark. Achava que a Helen era realmente ríspida demais, controladora e crítica. Eu me perguntava por que ela tinha que estar tão preocupada com dinheiro, tão rígida com horários, e por que ela não permitia que Mark se divertisse mais.

Porém, depois de um tempo, percebi que ele estava se esquivando de muitas coisas ao não querer realmente participar das sessões de terapia. Ele costumava

fazer perguntas que aparentemente demonstravam apoio, curiosidade e carinho sobre como ela se sentia, ou por que ela poderia pensar tal coisa. Mas, então, ele sentava e a deixava falar sozinha durante toda a sessão. Helen então falava, chorava, criticava, deprimia-se, ficava zangada, sentia-se desesperançosa e então falava um pouco mais. Tudo parecia genuíno, produtivo e importante na tentativa de solucionar seus problemas. Mas Mark nunca participava e Helen contentava-se em fazer isso sozinha.

Em vez de envolver-se emocionalmente, percebi que ele era muito racional e lógico a respeito do que ela mencionava, que ele falava de seus problemas conjugais como se fosse um projeto com problemas específicos a serem resolvidos. Portanto, ele estava ausente emocionalmente. Com o tempo, Helen começou a verbalizar isso e dizer a Mark que ela se sentia excluída e solitária. Ele respondia dizendo que estava trabalhando em mais corais e fazendo o que ela pedira. Então, percebendo os papéis desequilibrados que eles assumiam um com o outro e comigo, comecei a interpretar como Helen parecia ser a emotiva enquanto Mark era o conformado, o lógico. Isso poderia dar um pouco de equilíbrio aos dois e criar um quebra-cabeças que se encaixava bem. No entanto, na maioria das vezes, isso também gerava distanciamento, confusão e um vazio. Passei a interpretar como a Helen parecia confortável, mas insatisfeita, fazendo o papel da mãe responsável, e como Mark parecia familiar, mas infeliz, fazendo o papel da criança que sempre fica pedindo dinheiro à sua mãe ou permissão para sair e divertir-se, ao mesmo tempo sentindo-se rejeitado e repreendido.

Comentei como ambos tinham dificuldades em apenas ser dois adultos batalhando juntos para dar conta dos negócios e do prazer. Eles pareciam ansiosos para encontrar uma combinação de amor e responsabilidade da qual ambos pudessem participar sem ser tão claros e diretos. Clivagem e identificação projetiva eram seu método principal de lidar com a situação, de se comunicarem, lutar e exercer controle.

Durante uma sessão recente, Mark mostrou-se visivelmente muito interessado em ouvir as preocupações da Helen sobre a falta de planejamento dos dois em relação ao futuro e as ideias dela sobre como eles deveriam encarar o próximo ano como uma família. Mas percebi que Mark estava sendo muito racional e lógico. Embora ele atenciosamente estivesse focado nela, fazendo-lhe perguntas sobre suas necessidades e parecendo estar interessado, estava, na verdade, delegando emocionalmente tudo a ela, deixando que ela conduzisse toda a conversa. Quando Helen indagava sobre como Mark se sentia sobre o futuro dos dois, ele dizia: "Então, quero entender como você vê meu lugar no planejamento do futuro e como isso se parece".



Interpretei que Mark não estava respondendo as perguntas de Helen. Comentei sobre como ele redireciona qualquer atenção sobre ele para ela. Então, Helen assume, com entusiasmo, o controle da conversa e fala de forma loquaz sobre si mesma. Mas ela nunca tem um retorno dele, fazendo com que se sinta sozinha. Portanto, Mark se esconde, projetando um objeto exigente e controlador para Helen, e age demonstrando muito apoio ou que está sendo tratado muito injustamente. Ele nunca precisa contribuir para a igualdade emocional da dinâmica do casal. Mark faz com que Helen assuma sua preocupação, seu dever, sua visão adulta e qualquer outra coisa que não seja divertida e afável. Porém, isso também significa que ele se priva das recompensas da igualdade. Ele não consegue ser um adulto e participar da relação. Assim, a consequência é que ele se sente excluído e sozinho. O excesso de identificações projetivas expulsivas deixa Mark dilapidado.

Mark parece reagir à falta de poder e constante vazio queixando-se de que eles não fazem *sexo espontaneamente* e de como Helen nunca dá atenção suficiente para ele. Existe um desvio lógico defensivo dele para ela, seguido de sua exigência de atenção com sexo emocional. Quando interpretei estas dinâmicas para ambos, Helen entendeu, mas Mark ficou confuso e não tinha certeza do que eu queria dizer. Na verdade, ele parecia desconfortável e numa situação difícil.

Dando respostas defensivas, Mark começou a fazer isso na transferência comigo. Ele perguntou o que eu achava do que acabara de dizer e das várias implicações disso. Perguntou o que eu achava que poderia ser feito a respeito e como imaginava as mudanças a serem feitas. Era exatamente assim que ele geralmente desviava a atenção dele para a Helen. Interpretei que Mark estava muito ansioso para abrir-se comigo e com a Helen, e não queria mostrar suas reais necessidades, medos ou diferenças. Ao invés disso, ele as projeta em Helen e agora em mim, e então sente que ela sempre exige coisas e não se deixa levar o suficiente.

Esse momento analítico em particular veio à tona quando observei como Mark sentava-se em relação à Helen, e percebendo minha raiva de contratransferência com ela, por falar tanto e com ele, por ficar tão calado. Fiquei impressionado, com uma certa cisma, sobre o quão disposto a apoiá-la Mark estava ao fazer suas perguntas atenciosas. Também percebi que torci o nariz quando Helen pôs-se a fazer perguntas de uma frase só e então passou cinco a dez minutos expondo seus pensamentos e sentimentos sobre si mesma e sobre suas visões acerca do casamento.

Mark estava sentado com seu corpo virado na direção de Helen, na ponta do sofá, olhando atentamente para ela e sentado bem perto. Helen, por outro lado, estava sentada de forma descontraída e olhava para frente, não na direção do

Mark e ligeiramente em minha direção. Ela não estava ligada fisicamente a ninguém e falava apenas sobre si mesma enquanto Mark estava muito conectado a ela e falava apenas sobre ela e nunca sobre si mesmo. Comentei sobre isso tudo e interpretei o desequilíbrio como algo com o qual sentiam-se confortáveis, fazendo com que ambos se sentissem no controle. Entretanto, como na maioria dos ciclos de identificação projetiva excessiva, ambos acabaram sentindo-se carentes e vazios. Portanto, cada um deles precisava rebelar-se e reagir a fim de obter um pouquinho de atenção ou carinho.

Mark percebeu que Helen sempre estava na condição de receber e controlar, embora ele estivesse se doando a ela, sacrificando seu poder como alguém igual. Agindo tão gentilmente e doando-se a ela, ele acabou se sentindo como se nunca houvesse tido alguma gentileza ou doação da parte dela. Então, precisava achar um escape, comprando *brinquedinhos* de alto valor e saindo sozinho para se divertir. Helen tentava prover aquilo que achava que a família precisava e via-se como a pessoa que tinha de fazer todo o trabalho em prol de sua *visão de uma vida familiar feliz, com todos nós nos sentindo próximos*. Ela achava que *deveria* sacrificar qualquer felicidade para encontrar a felicidade. Foi esta mentira, a noção de culpa contrária que a levou a agir como uma mãe para o Mark, acreditando que, em troca, ele a ajudaria a empenhar-se nesse objetivo comum. Porém, o custo de tal projeção de diversão e liberdade foi um fardo deprimente que a deixou ressentida e sem esperança. Isso é bem semelhante à mentira entre Lonnie e Clover no filme.

Interpretei tais dinâmicas e como ambos queriam que eu basicamente convencesse o outro a compactuar com suas mentiras, concessões e objetivos distorcidos e me esforçasse a fim de manter intacto o equilíbrio frágil que eles haviam estabelecido ao longo dos anos. Quando fiz tais interpretações sobre a transferência, eles ficaram ansiosos e preocupados. Mark estava preocupado por eu não respeitar sua abordagem racional e querer forçá-lo a olhar para seus sentimentos em vez de manter o foco na Helen. Helen estava preocupada que eu quisesse que ela perdesse o controle e se tornasse potencialmente irresponsável ou se entregasse sexualmente a Mark quando ela não tinha vontade. No entanto, pouco a pouco, usamos esta reação de transferência e dinâmica de fantasia para aprender, construir mudanças e encarar os desconhecidos no processo de crescimento. Exploramos esta fantasia de mudança como perigo, como sendo uma ameaça ao seu refúgio psíquico mútuo.

Paulatinamente, estamos trabalhando com estes problemas para entender melhor as mentiras interiores e as convicções com as quais Mark e Helen se afeiçoavam. Estamos explorando como eles tentavam manipular um ao outro por vá-

rios motivos, tanto positivos como negativos, levando tanto à cura quanto à destruição.

## Relato de caso

Atendi Jerry e Kat em apenas oito sessões de terapia de casais até agora. Mas eles já vêm revelando várias mentiras que os mantêm juntos, mas também os mantêm separados. Jerry e Kat estavam juntos há onze anos quando ela teve um caso amoroso breve. Eles concordaram em *tentar terapia antes de consideramos o divórcio porque nos amamos e queremos achar uma forma de fazer as coisas darem certo, se possível*. Ambos sentiam-se *completamente apaixonados nos primeiros dez anos* e relataram uma vida sexual intensa e prazerosa no primeiro ano. No entanto, durante os últimos dez anos, eles raramente fizeram sexo e quando o fizeram, Kat diz que foi porque ela se sentia culpada e queria *proporcionar isso ao Jerry*. Ela disse que não sente atração física por Jerry e que *nunca se sentiu excitada ao fazer sexo com ele*. Kat disse que estava arrasada por admitir que nunca houve uma química entre eles e não conseguir entender como isso veio à tona de repente.

Jerry afirmou que curti fazer sexo com Kat, mas que *se sente bem sem isso, porque todo o resto é tão bom. Pensei que isso se tornaria uma parte de nosso relacionamento em algum momento*. Kat nunca estava a fim e pedia que Jerry lhe desse *mais espaço*. Ele agiu assim e isso acabou levando a uma vida praticamente sem sexo durante uma década. Quando perguntei como ele tolerava isso, com base em meu sentimento de transferência de choque e indignação frente à possibilidade de um casamento sem sexo, Jerry disse que ele pensava ter um *casamento 80% perfeito* e, portanto, estava disposto a abrir mão do resto. Kat mencionou que sempre sentiu que eles eram *melhores amigos, um par perfeito em todos os sentidos, exceto no sexo*, e então ela se sentia culpada e desconfortável em tocar no assunto.

Quando comentei sobre como ambos pareciam totalmente alienados um do outro, sem nenhum diálogo sobre a situação devastante, ambos disseram que eram *avessos a qualquer tipo de conflito*. Eu disse que o fato de Kat ter tido um caso e de Jerry ter descoberto deve ter sido muito difícil, pois tratava-se de um verdadeiro conflito. Ambos assentiram com a cabeça. Perguntei se Kat tinha curtido o sexo no caso que ela teve e ela disse que sim, confirmando que havia conseguido *ter uma química*, mas não com Jerry.

Em quase todas as sessões, Kat chorava por causa do fracasso de seu relacionamento e dizia que tinha vontade de culpar-se, mas que também estava ciente que se trata de um problema compartilhado pelos dois. Ela disse como havia negado o *problema com a química* durante anos e, então, nos últimos dois anos, começou a ficar deprimida com isso, mas ainda se culpava. Ela se convenceu que

deve ser algo biológico e, então, passou meses indo a vários médicos e especialistas, fazendo exames e procedimentos. Após uma ficha saudável, ela teve que encarar a *verdade* sobre seu relacionamento e foi então que ela teve o caso extraconjugal.

Durante várias sessões, percebi a maneira como Kat passava a maior parte do tempo chorando e dizendo o quanto ela se sentia culpada por *perceber que tinha acabado e provavelmente não tinha mais conserto*. Ela falava muito em não querer magoar o Jerry, como ele era seu melhor amigo e como ela recorria a ele para pedir orientação e ajuda financeira durante boa parte do relacionamento. Mas agora ela era independente devido a sua carreira de sucesso, e confiava mais nela mesma. Interpretei que ela sentia culpa por achar que o havia usado para crescer e por agora querer voar por conta própria. Disse que ela provavelmente tinha receio de admitir a falta de química anos atrás, pois isso poderia tê-los levado à separação antes que ela se sentisse pronta para abandonar o ninho. Kat disse que concordava, mas que queria poder se sentir bem em ter o Jerry como seu melhor amigo, sem sexo. Porém, ela sabia que iria ofendê-lo ainda mais.

Interpretei que Jerry era reticente comigo porque não queria arriscar extravasar algum sentimento de raiva ou de ressentimento. Primeiro, ele se mostrava na defensiva diante dos meus comentários e falava muito sobre como ele estava bem com Kat *do jeito que está, já que isso é tudo o que temos. Ela é tão maravilhosa que acho que poderia viver assim se eu precisasse*. Interpretei que o *precisasse* indicava que ele estava infeliz e queria mais, mas sentia-se ansioso para admitir isso para mim, para ele mesmo e para a Kat. Ele concordou e disse que não gostava de se sentir assim. Perguntei se ele achava que ela ainda era sua melhor amiga quando o traiu. Repentinamente Jerry disse: *Ela mentiu para mim e isso me leva a pensar que ela mentiu nos últimos dez anos, que tudo isso era uma merda*. Kat sobressaltou-se e pôs-se a chorar. Ela disse em voz alta, *Não! Não se sinta assim! Não quero que você sinta raiva. Para com isso!* Após parar de chorar, interpretei que ela estava se assegurando de que ele nunca teve sentimento de raiva por ela, apenas sentimentos de amizade, e certificou-se de nunca revelar ressentimentos para ele. Portanto, ambos estavam castrados emocionalmente e incapazes de realmente expor a verdade sobre seus pensamentos e sentimentos.

Jerry e Kat estavam vivendo uma mentira mútua, um mecanismo de identificação projetiva destrutiva. Eles fizeram uma barganha interior com eles mesmos, na qual eram um *par perfeito* através da ansiedade depressiva mútua que causava esforços defensivos constantes para evitar, negar e impedir qualquer dano ao objeto. Todavia, eles eram diferentes na maneira que utilizavam para atingir isso. Enquanto Kat era mais exaltada em suas exposições, Jerry era mais neutro e obsessivo. Ele disse que via tudo como um projeto e, na transferência, frequente-

mente esperava que eu dissesse a ele *como resolver o problema*. Embora Jerry parecesse tranquilo e racional ao dizer isso, o tom interpessoal era mais de exigência e pressão sobre mim na transferência (JOSEPH, 1985). Disse ao Jerry que não considerava seu casamento como *um problema a ser resolvido*, mas mais como um relacionamento no qual ambas as partes estavam misteriosamente infelizes e distantes, mesmo quando diziam como eram perfeitos um para o outro. Disse que achava que ele poderia estar se protegendo de sentimentos mais fortes em relação à Kat e ao que estava acontecendo no casamento.

Jerry disse: *Quero apenas que me diga o que tem de errado para que eu conserte!* Eu respondi: *Na semana passada, Kat me disse que você havia dito exatamente isso a ela e que isso a fez se sentir distante e incompreendida. Agora, acho que você está tentando essa abordagem comigo. O que você está sentindo que é tão complicado?* Jerry disse: *Sinto-me traído. Percebo que ela nunca me falou o que havia de errado; então, ela nunca me deu a chance de melhorar as coisas.* Eu insisti: *E agora você se depara com o sentimento terrível de que seu casamento pode não ser algo que vá melhorar, algo que você não pode consertar.* Ele deu de ombros e assentiu com a cabeça.

No caso da Kat, parecia que ela não queria dizer a mim ou ao Jerry como ela realmente se sentia sobre o casamento, seu estado atual, ou o que ela queria fazer ao seguir em frente. O que Kat disse para mim e para o Jerry foi que ela sentia *muito pelo jeito como as coisas tinham se encaminhado*. Ela se arrependeu por não ter sido mais honesta com o Jerry, pois a intenção dela não era magoá-lo. Além disso, ela não tinha se sentido confiante o bastante para ficar sozinha. Tudo era informação sobre o passado, relatada no pretérito, e ela não estava me contando sobre a natureza atual de todos aqueles sentimentos.

Kat disse que queria ver se eles conseguiriam descobrir uma forma de viver juntos como bons amigos ou, de alguma maneira, encontrar *um pouco de química*. Porém, pela forma como relatou tudo isso para mim na transferência, me pareceu uma mentira ou, pelo menos, um deslocamento ao tempo passado em vez de falar sobre o agora. Percebi que ela estava sendo agradável, otimista e muito flexível na tentativa de não me contar suas outras opções e escolhas. Eu disse: *Creio que você esteja ocultando alguma coisa. Parece-me que você quer sair desse relacionamento agora, mas não quer tocar no assunto porque isso irá causar conflito e diferença.* Kat começou a chorar e falou que não conseguia imaginar ficar sem o Jerry, mas que também não conseguia *continuar vivendo essa mentira*.

Eu disse: *Você quer estar em um relacionamento perfeito, mas agora se sente vazia e deseja mais. Mas você tem medo de dizer isso para mim e para o Jerry porque significa que vocês ficarão separados e distantes.* Ela caiu em prantos novamente e disse que sentia mesmo, mas que *não queria magoar o Jerry porque ele estava tentando muito*



*mudar. Eu disse: Você se sente culpada em dizer a ele que é tarde demais. Ela respondeu: Não quero que seja tarde demais! Mas acho que pode ser mesmo!*

Duas semanas depois, o Jerry me ligou para cancelar as próximas sessões. Ele disse que estavam se divorciando. Aparentemente, a verdade sobre seus sentimentos tinha respingado sobre sua organização patológica. A mentira mútua tinha acabado e agora eles teriam que achar uma nova verdade para si, individualmente e como um casal. Ofereci-me para continuar atendendo-os a fim de ajudá-los nesse processo, e eles aceitaram. Vamos ver onde a verdade nos levará.

## Sumário

Uma forma fundamental para que uma mentira se torne a base de uma relação é quando ambas as partes toleram certas diferenças, decepções ou desafios no relacionamento. Se as expectativas que estão arraigadas nas formas internas de ver o eu e o outro não forem atingidas, as ansiedades primitivas podem surgir e a verdade do casal torna-se uma ameaça. Portanto, a mentira é uma forma de controlar a ameaça, de manter os equilíbrios psíquicos originais e de evitar diferenças ou mudanças. Cada um dos cônjuges pode ter sua versão da verdade ou sua própria mentira individual, mas o casal acabará inconscientemente construindo uma mentira em comum através de ciclos repetidos de identificação projetiva.

Colman (1993) descreve estes indivíduos que não toleram a percepção de que os outros são independentes e, portanto, podem frustrar, rejeitar ou abandonar. Eles não querem enfrentar um objeto que não conseguem controlar. A diferença básica do objeto em relação ao eu pode ser difícil de suportar, pois significa que eles não serão exatamente como queremos que sejam ou como queremos imaginar que eles sejam. A aceitação desses aspectos da humanidade significa que temos que aceitar nossas próprias limitações e os inevitáveis fracassos, perda e conflito ou mágoa dos quais faremos parte. Colman (1993) alega que todos os casamentos apresentam um conflito entre a luta para relacionar-se com o outro como ele/ela realmente é e a tentativa de evitar esta luta por meio de um refúgio na fantasia compartilhada ou defensiva. A cumplicidade para reter ideais é o que constitui o cerne da mentira que encontramos em muitos relacionamentos. Ambas as partes evitam a verdade sobre quem são ou sobre quem não conseguiram ser.

Grier (2011) escreve sobre como os casais chegam a um acordo, lamentando o fracasso de suas ideias em comum sobre o relacionamento. Eu acrescentaria que muitos casais mentem constantemente para si mesmos sobre o fracasso de seus ideais e sobre os sentimentos resultantes de tristeza, raiva e ansiedade.

Cohen e Levite (2012) observaram como os casais disfuncionais geralmente funcionam em esferas objeto-relacionais primitivas com clivagem e processos projetivos bem nítidos. Eles acham difícil tolerar a ambivalência e a discordância. Alguns casais materializam isso através de conflitos fortes enquanto outros, como as personagens do filme, Lonnie e Clover, escondem isso sob negação e justificção.

Nathans (2012) afirma que a infidelidade pode ser uma tentativa maníaca de substituir a depressão ou dor psíquica pelo entusiasmo. O casal talvez tenha um passado mal resolvido ou uma perda atual e um luto a ser enfrentado, mas o evita através da infidelidade. Isso ficou evidente no relato de caso bem como na personagem do filme Lonnie, traindo a Clover com uma garota mais jovem no dispensário de maconha.

Grier (2011) discorre sobre como o desenvolvimento saudável de casais permite diferença e separação enquanto o funcionamento não saudável produz esforços mais narcisistas ou paranoide-esquizoides para evitar qualquer diferença ou separação. Acho que isso geralmente inclui mentiras não externalizadas e barganhas interiores acerca da procura por ideais em comum, felicidade, ausência de conflito, e uma regra de não se questionar, mesmo quando estiver infeliz. Estas mentiras podem ser paranoídes ou narcisistas, mas podem incluir também um posicionamento depressivo primitivo. Para alguns casais, a intensidade de seus medos paranoicos ou depressivos em comum, de não possuir um alicerce ideal (KLEIN, 1952), compensa pelo enfoque do tipo maníaco, em negar qualquer problema e evitar qualquer evidência de diferença. A idealização defensiva para evitar a ruptura interna ou externa das expectativas, colocadas no relacionamento, é o que ficou evidente no filme, no caso de Lonnie e Clover, mas Lonnie não conseguia mais manter a mentira.

Colman (2008) discute a ideia de casamento como um continente saudável que fornece segurança, crescimento e flexibilidade para que o casal seja diferente, mas se mantenha junto e aja como uma unidade com dois seres separados. Alguns de nossos casais mais problemáticos, incluindo Lonnie e Clover no filme e os casais do relato de caso, construíram um continente perverso. Esse continente perverso é construído de uma maneira prejudicial, pois exclui a verdade e mantém a mentira viva e protegida. O continente conjugal para casais mais problemáticos é usado como uma fortaleza para proteger seu idealismo narcisista em comum e para evitar que tenham que enfrentar a verdade sobre quem são como indivíduos e quem são como casal.

Na resenha de Roger Ebert sobre o filme *A mentira*, ele diz: *No final de muitos filmes, você nunca pensa nas personagens novamente*, o que quer dizer que, com esse filme,

ficamos na contemplação das personagens de Lonnie e Clover. Acho que isto está relacionado à forma como as mentiras geralmente tornam os indivíduos e casais desprovidos de um rosto, de caráter. Sem diferenças, sem individualidade e sem riscos, não há alma, nada para se lembrar. Mas, quando os casais conseguem perceber a mentira, encarar a verdade e perdoar um ao outro a fim de seguir em frente, eles descobrem a triste realidade e veem os erros que cometeram. E, então, também encontram a possibilidade do perdão, da verdade e da mudança.

Essa é a face do crescimento. Sempre nos lembramos da luta e da vitória muito tempo depois de a história ter acabado.

### **The Lie Couples Live Within: exploring the film “The Lie”. Psychoanalytic couples treatment, and the poisonous internal bargains that bind and trap**

**Abstract:** the film “The Lie” is examined from a psychoanalytic perspective to understand the unconscious lies that can become the destructive link or anti-link between couples. Using concepts from the Kleinian approach, the author discusses the psychological struggle each character had and the manner in which the truth of difference, conflict, and disappointment came to fuel a mutual set of lies that protected them yet crippled them and kept them lonely, empty, and apart. Only when the weight of their internal sense of failure was exposed could they find strength in each other to feel whole and strive toward change and choice. In addition, case material from psychoanalytic couple’s treatment is used to illustrate these issues as they unfold in the clinical situation.

**Keywords:** Couples therapy . Lie. Projective identification. Truth.

### *Referências*

COHEN, O.; LEVITE, Z. High-conflict divorced couples: combining systemic and psychodynamic perspectives. **Journal of Family Therapy**, v. 34, n. 4, p. 387-402, nov. 2012.

COLMAN, W. The intolerable other: the difficulty of becoming a couple. In: **Psychotherapy with couples: theory and practice at the Tavistock Institute of Marital Studies**. London: Karnac, 1993.

\_\_\_\_\_. Marriage as a psychological container. In: **Psychoanalytic perspectives on couple work**. v. 4. London: SCPP, 2008.



EBERT, R. **Review of The lie**. Disponível em: <[www.rogerebert.com/reviews/the-lie-2011](http://www.rogerebert.com/reviews/the-lie-2011)>. Acesso em: não informado.

FELDMAN, M. **Doubt, conviction, and the analytic process**: selected papers of Michael Feldman. London: Routledge, 2009.

GRIER, F. Psychotic and depressive processes in couple functioning. **Fort Da**, v. 17, n. 1, p. 11-29, 2011.

KLEIN, M. A contribution to the psychogenesis of manic-depressive states. In: \_\_\_\_\_. **Love, guilt, and reparation and other works (1921-1945)**: the writings of Melanie Klein. v. 1. London: Free Press, 2002. p. 262. Originalmente publicado em 1935.

\_\_\_\_\_. Mourning and its relation to manic-depressive states. **International Journal of Psychoanalysis**, v. 2, p. 125-153, 1940.

\_\_\_\_\_. Notes on some schizoid mechanisms. **International Journal of Psychoanalysis**, v. 27, p. 99-110, 1946.

\_\_\_\_\_. Some theoretical conclusions regarding the emotional life of the Infant. In: \_\_\_\_\_. **Envy and gratitude and others works (1946-1963)**. London: Karnac, 1952.

JOSEPH, B. Transference: the total situation. **International Journal of Psychoanalysis**, v. 66, p. 447-454, 1985.

NATHANS, S. Infidelity as manic defense. **Journal of Couple and Family Psychoanalysis**, v. 2, n. 2, p. 165-180, 2012.

ROSENFELD, H. Impasse and interpretation: therapeutic and anti-therapeutic factors in the psychoanalytic treatment of psychotic, borderline, and neurotic patients. In: **New Library of Psychoanalysis**. v. 1. London: Tavistock, 1987.

SANDLER, J. Countertransference and role-responsiveness. **International Review of Psychoanalysis**, v. 3, p. 43-47, 1976.

SPILLIUS, E. B. Clinical experiences of projective Identification, In: ANDERSON, R. (Ed.). **Clinical lectures on Klein and Bion**. London: Routledge, 1992. p. 59-73.

SPILLIUS, E. B.; FELDMAN, M. (Ed.). Psychic equilibrium and psychic change: selected papers of Betty Joseph. In: **The New Library of Psychoanalysis**. v. 9. London: Tavistock, 1989.

STEINER, J. The aim of psychoanalysis in theory and in practice. **International Journal of Psychoanalysis**, v. 77, p. 1073-83, 1996.

\_\_\_\_\_. Pathological organizations as obstacles to mourning: the role of unbearable guilt. **International Journal of Psychoanalysis**, v. 71, p. 87-94, 1990.

\_\_\_\_\_. Psychic retreats: pathological organizations in psychotic, neurotic, and borderline patients. In: **New Library of Psychoanalysis**. v. 19. London: Routledge, 1993.

\_\_\_\_\_. **Seeing and being seen**: emerging from a psychic retreat. London: Routledge, 2011.

WASKA, R. **The concept of analytic contact**: a kleinian approach to reaching the hard to reach patient. London: Rutledge, 2007.

\_\_\_\_\_. Couples treatment with a kleinian focus on pathological organizations and psychic retreats. **American Journal of Psychotherapy**, 2013b. In press.

\_\_\_\_\_. **The danger of change**: the kleinian approach with patients who experience progress as trauma. London: Rutledge, 2006.

\_\_\_\_\_. **Love, hate, and knowledge**: the kleinian method of analytic contact and the future of psychoanalysis. London: Karnac, 2010b.

\_\_\_\_\_. **The modern kleinian approach to psychoanalysis**: clinical illustrations. New York: Jason Aronson, 2010d.

\_\_\_\_\_. **Moments of uncertainty in psychoanalytic practice**: interpreting within the matrix of projective identification, counter-transference, and enactment. New York: Columbia University, 2011a.

\_\_\_\_\_. **A practical casebook of time-limited psychoanalytic work**: a modern kleinian approach. London: Routledge, 2013a.

\_\_\_\_\_. **Primitive experiences of loss**: working with the paranoid-schizoid patient. London: Karnac, 2002.

\_\_\_\_\_. **Projective identification**: the kleinian interpretation. London: Routledge, 2004.

\_\_\_\_\_. **Real people, real problems, real solutions**: the kleinian approach to difficult patients. London: Routledge, 2005.

\_\_\_\_\_. **The total transference and the complete counter-transference**: the kleinian psychoanalytic approach with more disturbed patients. New York: Jason Aronson, 2001b.

\_\_\_\_\_. **Treating severe depressive and persecutory anxieties states**: to transform the unbearable. London: Karnac, 2010a.

\_\_\_\_\_. **Selected theoretical and clinical issues in psychoanalytic psychotherapy**: a modern kleinian approach to analytic contact. New York: Novoscience, 2010c.

\_\_\_\_\_. **Success and failure in psychoanalysis**. In: \_\_\_\_\_. Klein in the trenches: working with disturbed patients. Rodopi: Amsterdam, 2012.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA

Revisão de português: Victor Lourenço

---

Robert Waska

P.O. Box 2769

San Anselmo, CA 94979 – EUA

e-mail: drwaska@aol.com